



N.º 77 — LISBOA, 30 DE JUNHO.



2.
ANNO
1924

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS

Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 32 num. 12000 rs. || Brazil, anno 32 numeros..... 25500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 6500 rs. || Africa e India Portuguesa, a 190 12000 rs.
Cobrança pelo correio..... 2100 rs. || Estrangeiro, anno, 32 numeros... 12800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho.

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOZIÇÃO

Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua 40 Almada, 32 e 34

S. PEDRO



O PORTEIRO — O que quer Você?

O INQUILINO — Então não me conhece? Sou um morto que foi votar lá abaixo.

O CANCRO



As capitaes são sempre condemna-
das desde Babylonia, como focos de
corrupção, e justamente Lisboa fre-
quentemente o é.

Para Portugal, Lisboa é o cancro.
Em Lisboa, está o mal e estão to-
dos os males: os males publicos e os
privados — a dissolução de cima e a
de baixo, os negocios, as aventuras,
as fortunas feitas n'um dia, as mu-
lheres conquistadas n'uma hora, os
politicos que custam um dinheirão,
os restaurantes que levam coiro e ca-
bello, a banca franceza, a *cocotte*.
Aqui se perde o paiz e aqui se vem
perder — os rapazes.

Consideremos no entanto um mo-
mento só os factos. O que os factos
nos dizem é que Lisboa não está á
altura da sua reputação de cancro.

Já é difficil admitir que os rapa-
zes se percam em capital de costum-
es tão severamente policiados que
não é simplesmente permitido, na
rua, pedir a uma saloia um beijo. Os
espectaculos não pôdem acabar de-
pois da meia noite, os restaurantes
são obrigados a fechar á uma. Depois
d'esta hora, o unico excesso permit-
tido á população consiste em bater
as palmas ao guarda nocturno.

Admittindo, porém, que os rapa-
zes se percam em Lisboa, o que não
é facil admitir é que o paiz encontre
aqui a sua perdição. Ao contrario,
nós ousamos affirmar que a perdição
do paiz está... no paiz, e o paiz não
é Lisboa. O paiz, verdadeiramente,
é a provincia.

Diz-se commummente que o mal
national é a politica. A politica é o
que nos devora. Seja assim. Mas en-
do assim, o mal está onde está a po-
litica. Ora, onde está a politica? Em
Lisboa? Não! A politica hospeda-se
em Lisboa, mas onde ella está é na
provincia. A politica em Lisboa está
nos hoteis, mas na provincia está nos
corações.

Em Lisboa ninguem é progressista,
ou regenerador. Na provincia toda a
gente é uma coisa, ou outra. A po-
litica tem em Lisboa dependentes, mas
só na provincia tem amigos. Lisboa
não conhece facciocismos. Mesmo
quando é republicana — é molle. A
provincia é feroz. Lisboa, no fundo
despreza os politicos. A provincia
adora-os.

Os progressistas vivem em Lisboa,
os regeneradores tambem; mas a sua
força está na provincia. Uns dispõem
de Traz-os-Montes, do Minho, da
Beira; outros do Alemtejo, ou do Al-
garve. Ali tem os seus partidarios,
ricos, influentes, dominadores, senho-
res de terra, senhores feudaes, dan-
do a chuva e o bom tempo; ali tem
o seu povo lanzudo e bronco; ali tem

as suas philarmonicas, ali tem os seus
prieores, ali tem os seus regedores,
ali tem os seus foguetes.

D'onde vem elles afinal — os politi-
cos?

Da provincia.

Lisboa não contribue para a politi-
ca senão com amanuenses. Os gran-
des homens vem todos da provincia.
Só a provincia de Traz-os-Montes
tem contribuido para a politica com
algumas das suas mais obstruentes
personalidades. E' ir simplesmente á
camara. Uma representação nacional
tão apresuntada só a pôdem fornecer
os ares e as aguas das montanhas.

Agora, vejamos por quanto sáe
Lisboa e por quanto sáe a provincia,
que é no fim de contas do que se tra-
ta quando se trata de politica; e por
nossa vez, somos forçados a reconhe-
cer que se Lisboa é um cancro, Lis-
boa é um cancro relativamente barato.

A capital está certamente como to-
do o paiz á meza do orçamento, mas
n'essa meza occupa, digamos assim,
uma ponta. No resto da meza está a
provincia. Assim como não dá, Lis-
boa não pede coisa alguma. Os parti-
dos não contam com ella. Ella não
conta com os partidos. Além d'isso,
não precisa. Lisboa tem a magnifica
independencia das capitaes. Para el-
la affluem naturalmente as iniciativas
e os emprehendimentos, de que os
governos não teem o privilegio e que
não pôdem dar ou tirar. Comtanto
que a varram, a reguem e lhe entre-
tenham os jardins — está contente e
não deseja mais.

A provincia, ao contrario, é exces-
sivamente pedinchona. Como é ali
que está a sua força, os partidos não
lhe recuzam coisa alguma. O segre-
do da influencia local consiste em—
servir. Incessantemente a provincia
pede—estradas, ramaes, apeiadeiros,
pontes, caes, chafarizes, subsidios,
doações, transferencias, ren. ssões,
caixas de correio, quartéis, regimentos,
comarcas, logares, que é forçoso dar-
lhe, para que não passe para os pro-
gressistas ou... para os regenerado-
res.

E aqui está—é isto o cancro, essa
politica interesseira que só sustenta
os partidos na medida dos favores
que elles fazem; e este cancro não
está, repetimos, em Lisboa, que não
pede nada aos partidos, mas na pro-
vincia que não os larga desde que
elles sobem ao poder até que fazem
testamento.

O cancro é a provincia.

Lisboa e o Porto começaram ul-
timamente votando contra os partidos.
Pois bem! Na impossibilidade de cor-
romper estas duas cidades, isto é, de
lhes conceder, a troco do seu voto,
comarcas que ellas não pediam, ou
chafarizes, de que não pareciam pre-
cisar, os partidos fizeram a reforma
eleitoral — destruíram a cidade ci-
vica. Metteram em Lisboa os saloios

e no Porto os carrejões de S. Ma-
mede de Infesta, isto é — a provin-
cia, as influencias rurales, as popula-
ções rurales, a ignorancia rural, a cor-
rupção rural, a estupidez rural, sua
unica força e — por muito que estas
palavras possam parecer toni-troantes
— sonoras — nosso unico mal.

JOÃO RIMANSO.



Conversar com S. Pedro

S. Pedro de barbas graves,
Branças de neve, creio eu;
E que tens na mão as chaves
Da estreita porta do céu.

Sabe que muito me importa
Ter de ti resposta clara:
—Se eu lá fôr bater á porta
Dás-me com a porta na cara?...!

Tive crenças inteiriças,
Nunca idéas macambuzias;
E' verdade que ouvi missas,
Mas nunca foram ás duzias.

Da confissão o preceito
Cumpri sem a menor peia;
E tirei d'isso um proveito...
De que tu farás idéa!

Comi peixe á sexta feira...
Mas desde já te confesso
Que foi quando na Ribeira
Não escaldava no preço.

Desejei do céu as palmas,
Accendi côtos e vellas;
E dei esmolmas ás almas...
Mas de vintem todas ellas.

O proximo amei com fé;
Passei além d'este rêgo...
E tanto assim foi que até
Tive um amigo em Lamego!...

Com tão nobres predicados,
Isento de unha de gancho,
Com os bemaventurados
Mereço entrar de farrancho?...

S. Pedro, ouve a minha fala,
Despacha a pretensão minha:
—Se não mereço ir p'ra a sala,
Deixa-me entrar na cosinha.



Polloias?—Fadistas?

A organização da policia de Lisboa
deve occultar com certeza graves def-
feitos.

Os ultimos tumultos do Rocio mos-
tram-nos por exemplo que os policias
não tem apenas um nome e um nume-
ro: tem tambem uma alcunha. Um por
exemplo é o *Cabeça*, outro o *Terror*.

Depois d'estas revelações, nos per-
guntamos: onde é recrutada a policia?
—No Limoeiro?

Individuos que se chamam o *Cabe-
ça* e o *Terror* não dão garantias de
segurança. Podem ser policias mas na-
da nos impede de acreditar que sejam
tambem fadistas.

AS ELEIÇÕES

As eleições de domingo demonstraram a saciedade dos benefícios da reforma eleitoral, que alargou a área da capital para o efeito de alargar a área de influencia dos partidos.

Reconheceu-se que a cidade era pequena para as luctas politicas. O sr. Hintze Ribeiro não se encontrava á vontade entre Belem e o Beato. Por seu turno, o sr. José Luciano e a sua facção não se podiam mecher no espaço comprehendido entre o Caes do Sodré e o Arco do Cego. Regeneradores e progressistas andavam dentro da cidade aos encontrões aos republicanos.

Foi então que occorreu porem-se mais á larga, dando a Lisboa a camaradagem da Lourinhã e bem assim a da Arruda dos Vinhos, entre outras localidades, afim de desaffogar o suffragio.

Os resultados d'esta util disposição não podem ter sido mais lisongeiros. Os partidos não cabiam em Lisboa. Assim cabem todos, porque Lisboa tornou-se muitissimo maior. Já não acaba como outr'ora, fóra de portas. Para o efeito eleitoral, vae até Villa Franca, até Azambuja, até ao Cadaval, até o inferno. Para este efeito na realidade Lisboa não tem limites. Lisboa acaba quando já não são precisos mais votos para o governo vencer; e que fosse necessario ir até ao Entroncamento, ou á Barquinha, o governo iria. No ponto de vista eleitoral Lisboa é a maior cidade do mundo.

O Governo venceu.

A cidade tem panno para mangas.

* * *

Segundo declarações da imprensa conservadora, o regimem do accordo poz definitivamente termo ao carneiro com batatas, reputado dispensavel e, já agora, inutil.

Nós, francamente, deploramos.

O carneiro com batatas era o que nos restava das velhas luctas politicas do Portugal constitucional. Desapparecera o cacete, mas ficára o carneiro. O carneiro significava ainda sinceridade, conflicto. Onde havia carneiro, havia até certo ponto idéas. De todos os modos, havia lucta. Os partidos não se confundiam. O carneiro progressista tinha um sainete especial que faltava ao dos regeneradores. Era o carneiro feito a um bom lume de chamiça e mechido com uma colhér de páo. Era o carneiro revolucionario, vintista, setembrista, patuleia e plebeu. O carneiro regenerador, por seu lado, tinha um sabor todo seu. Era o carneiro ensopado, o carneiro de familia, o carneiro de restaurante, já com um gostinho aristocratico a vinho branco e a pimenta de Cayenna.

Era, n'uma palavra, o carneiro carlista, cabralino, autoritario e contra-revolução.

A queda do carneiro é o fim de todas as divisões, de todas as paixões, de todos os conflictos.

Não mais carneiro com batatas!
Não mais partidos!



Conversar com Santo Antonio

S. Antonio, dos garotos
Amado e dos veteranos,
Não farto de fazer votos,
Eu sou um dos teus devotos
De ha setenta e tantos annos.

Tua noite com banquetes
Apresei-me a celebrar,
Sem me esquecer dos foguetes,
Das bombas, dos mijarettes
E bichas de rabiár.

Inda sigo o mesmo estylo
Com que me vou dando bem;
E até já comprei um grillo,
Que alegra o meu pobre asylo
A cantar por um vintem!

Entre variados santos
Tu és maior que nenhum,
Milagrista para espantos;
Mas, já que fizeste tantos
Vê se arranjas lá mais um!

Olha o Japão a ir aos queixos
Do russo, heroe Ferrabrás
De que aproveita os desleixos!...
Mette-me aquillo nos eixos,
Prégando ali santa paz!

Vae por lá grande chacina,
Marte pagão anda em lida;
Ninguem o bom crêdo ensina...
E o progresso á lamparina
Já apagou a torcida!

Depois não te faças manco,
Vem acudir á Ulyssêa
Em perpetuo solavanco...
E faze que o João Franco
Não dê co'os bodes na areia.

No palz de Cocagne

Depois dos atropellos que a policia praticou no Porto por occasião da chegada de Guerra Junqueiro, viu-se este espectáculo desarticulador:—o governador civil e o commissario geral irem em pessoa ás redacções dos jornaes... apresentar as suas desculpas.

Ambas estas autoridades continuaram a desempenhar os seus respectivos cargos e estes factos não se passaram no *Burro do Sr. Alcaide*, ou no *Brazeiro Pancracio*—Passaram-se no Porto, e constam da seguinte veridica noticia dos jornaes d'aquella cidade:

«Os srs. governador civil do districto e commissario geral da policia do Porto, andaram hontem á noite pelas redacções dos jornaes a explicar que não tinham responsabilidade alguma nos acontecimentos occorridos na feira de S. Bento, quando da recepção dos portuenses ao illustre poeta Guerra Junqueiro».

«Ao sair de casa, escreve outro jornal da mesma cidade, appareceu o sr. commissario geral de policia, dr. Adriano Acacio de Moraes Carvalho, que ia comunicar ao sr. governador civil o occorrido, confessando espontaneamente que nenhum grito subversivo houvera e mostrando-se penalizado pelo procedimento da policia».

Não sabe a gente com quem está tratando— se com o commissario de policia do Porto, se com o *Commissario de Policia do Gervasio Lobato*. São ambos dignos do Gymnasio.

* * *

Nota final:

O chefe da policia do Porto, Annes, que tanto se distinguiu nos ultimos tumultos, é, diz um jornal d'ali, o mesmo que em 1872 aggreuiu e prendeu á porta da Sé, quando n'este templo se celebrava um *Te-Deum* em homenagem a Pio IX, os liberaes Guilherme Braga, Urbano Loureiro, Borges d'Avellar, Anselmo de Moraes, e outros.

Quer dizer: não é um policia.—E' uma reliquia.



CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

CALAMIDADES PUBLICAS



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

— Ahi vem a policia!

O municipio e as ruas

Na ultima sessão da camara municipal, o vereador sr. Carvalho Pessoa instou para que se ponha em execução a proposta que apresentara ha tempos, para que as ruas da capital sejam designadas por numeros.

Não sabemos a que pensamento tenha obedecido a proposta do sr. Carvalho Pessoa, mas quer-nos parecer que o que elle teve em vista ao apresental-a foi acabar com as emulações a que as novas ruas estavam dando origem.

Como se sabe, tendo-se a cidade alargado consideravelmente, foi necessario dar nomes ás novas ruas. A principio, o municipio soccorreu-se do periodo heroico da historia nacional; mas os principaes heroes nacionaes tinham já as suas ruas e praças — Cambés, Albuquerque, o Gama e tantos outros. O stock de heroes disponiveis prompto se exgotou.

O municipio soccorreu-se então da historia contemporanea, condecorando, está claro, os heroes liberaes. O Cartismo foi por exemplo para o bairro Barata Salgueiro, o Setembrismo para o bairro Estephania, onde, entre outros, se deu uma rua a Passos Manuel. Ao mesmo tempo, como sobrassem ruas, aqui e ali favoreceu-se a litteratura official: deu-se uma rua a Alexandre Herculano, outra a Castilho.

Mas a cidade continuava alastrando. Iam-se erguendo novos bairros, iam-se abrindo novas ruas, e então o municipio encontrou-se n'esta collisão: sobravam-lhe ruas e faltavam-lhe nomes. Ainda respigou nas collecções do *Diario das Camaras* alguns appellidos illustres que começavam a envelhecer; mas, a breve trecho, encontrou-se no maior apuro: tinha exgotado a historia antiga e a historia contemporanea.

Todo o Portugal digno de ter uma rua, estava na rua. E as ruas continuavam sobrando.

Então, o que se fez?

Fez-se isto: exgotada a historia, o municipio lançou mão do Almanach Palhares, e não havendo já um só morto que não tivesse a sua rua, começou-se a dar ruas aos vivos — ao governo, á opposição, aos regeneradores, aos progressistas, á camara alta, á baixa; por fim, em ultimo recurso, ao proprio pessoal do municipio, e foi então que se viu este contemporaneo viçoso, o sr. Ressano Garcia—ter uma rua.

Mas assim como a principio sobravam ruas, agora sobravam nomes. As ruas não chegavam para toda a gente que se suppunha com direito a esta consagração. Estabeleceram-se rivalidades.

Foi então certamente que, para pôr termo a esta situação embaraçosa, o sr. Carvalho Pessoa apresentou a sua

proposta:—numerar as ruas.

Nós applaudimos a proposta do sr. Pessoa. As ruas ficam assim anonymas, mas um honrado anonymato é, a nosso vêr, preferivel a uma descabida celebridade.

**No cemitério**

Era alta a noite; e o pobre do coveiro Levantou-se da cama estremunhado, Porque viu o seu povo alvorocado Assim como em pagode chinfineiro:

«—Então que diabo é isso? Ergue berreiro Quem deva estar quieto e descansado? Já se viu por acaso, algum finado Com ares de fadista piteireiro?...»

Um dos defuntos põe a mão na ilharga, E, sem que ensaie posições janotas, Da fria bocca estas palavras larga:

«—Calate lá... vae apanhar bolotas!... Vemos da patria amada a sorte alargal... Vamos á urnal Somos patriotas!...»

**Os passes da imprensa**

Os jornaes queixam-se de que os passes da imprensa não servem para nada e em seguida contam o caso de um reporter, que, ao apresentar o seu passe a um policia por occasião dos tumultos do Rocio, recebera uma pranchada.

Dizer depois d'isto que os passes da imprensa não servem para nada, já é vontade de resmungar.

**Que massada!**

Telegramma das Novidades:

«Villar de Maçada, 10.

Ao seu solar de Fiaes acaba de chegar o sr. dr. Matheus Sampaio. A freguezia de Villar de Maçada, apenas soube da sua chegada, correu logo para Fiaes, acompanhada da banda marcial de Villar Maçadense».

Que massada!

STORES DE JUNCO

Fazem-se com lindos desenhos em todas as larguras e por preços sem competencia, e esteiras para salas e quartos, tudo com a maxima perfeição. Encarrega-se de encomendas para a provincia e estrangeiro. Rua do Alecrim, 107.

CANÇÕES POPULARES**MOTE**

Amar é doce prazer
Que produz encantamento;
Amar é crear alento,
Ter amado é não viver.

GLOSA

Deixa, ó bella, o teu rigor,
Aprende, aprende aqui hoje
Que a todas as leis se foge,
Porém nunca á lei de Amor:
N'este vil mundo, onde a dôr
Nos apparece ao nascer;
Onde o continuo soffrer
Arranca do pranto as aguas,
Pra nos adoçar as maguas
Amar é doce prazer.

Se nos assoma no rosto
Alegria que seduz,
Para apagar esta luz
Logo apparece um desgosto!...
O mundo é assim composto,
Ninguém foge ao soffrimento...
Só minora o seu tormento
Quem se entrega d'alma inteira
A doce paixão fagueira
Que produz encantamento!

Olha as rosas nos rosaes
Todas frescas, puras, bellas;
E' porque amam todas ellas,
Não pensam em nada mais!...
Olha as aves matinaes,
Voando no firmamento...
Seu gorgoejo escuta attento
Em redor do ninho amigo;
E dirás, como eu te digo:
Amar é crear alento!

Accepta a fé que te dou,
Que em santas aras juréi;
Não tentes fugir á lei
Mais velha que o céo creou!...
N'essa lei que elle dictou
A razão nos manda crer...
Mas tambem deves saber,
O minha sempre querida,
Que, se o amor nos dá vida,
Ter amado é não viver!

VENANCIO.



Peço a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

**RESTAURANT PARIS**

JOSÉ FERNANDES

Servem-se:

Jantares de mesa redonda a 600 réis

Serviço de lista a toda a hora

Pratos especiaes para coias

Gabinets de 1.ª ordem

65, R. de S. Pedro d'Alcantara, 67
2 e 4, Travessa da Cara, 2 e 4—LISBOA

Ourivesaria e Relojoaria
 com officina annexa
 de fabrico e
 de consertos



FLORINDO
 COM
 bilharistas
 PREÇOS
 Limitadissimos
 99, RUA AUREA, 99


OUTRA SORTE GRANDE
 Vendida em vigesimos na casa
Campião & C.^a
 118, Rua do Amparo, 118
LISBOA

1:139, vigesimos. 12:000\$000
 O numero n.º mis premiados, vendido n.º esta casa, na
 extracção do dia 11 foram:

1139	12:000\$000
4947	400\$ 00
1138	124\$000
1140	121\$ 00
2210	100\$0 0
2791	100\$000

PROXIMAS LOTERIAS
30 de Junho 12:000\$000
7 de Julho 25:000\$000
 Pedidos aos cambistas

Campião & C.^a



ORTHOPÉDIA
CASA ESPECIAL DE FUNDAS
 e apparatus orthopédicos
 DE **MANOEL MARTINS**
 FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS
 DE SAUDE, DE BENEFICENCIA,
 ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.
154, Rua da Magdalena, 154-A
 (Antiga CALÇADA DO CALDAS,
 PROXIMO AO LARGO DE SANTA JUSTA)
LISBOA

Água Circassiana O unico restaurador da cor do
 cabelo á sua primitiva cor; dá-
 lhe força e vigor e o seu exito de 50 annos em todo
 mundo prova a sua efficacia. Não tem rival.

Oleo da Persia Faz nascer e crescer o cabelo, dan-
 do-lhe a força da juventude.

Leite Divino tira sarças, rugas, manchas, tornan-
 do a cutis bella e formosa.

A favorita universal Usado por todas as damas
 egegnas da Europa. Restau-
 rador da belleza e formosura da cutis.

Vigor tonico do Oriente Mocidade, hygiene e
 belleza de cabelo, in-
 dispensavel, no tocador.

A venda em todas as pharmacies, perfumarias e dro-
 garias do mundo. Depósito para revender, rua do Am-
 paro, 22. LISBOA.

PECHINCHA

TALHERES contendo 75 por cento de prata é o me-
 lhor metal que ha tem a mesma duracão que a prata de
 lei. SERVIÇO DE ELECIRO-PLATA, 4 peças, cafetei-
 ra, bulle, açucareiro e leiteira, todas esta 4 peças para
 12 pessoas \$3000; são muito chics. ÚLTIMA novidade:
 TALHERES de cabo preto muito bonitos, bom e rre,
 24 peças por 2\$000 até \$3000 réis; COLHERES de bri-
 tania e aluminio a 60, 80 e 100 réis, garfos a 60, 80 e
 100 réis. OPTIMO café moído a 360, 400 e 600 o kilo, chá
 de todas as qualidades por preços convidativos.

Rua da Prata, 161, esquina da rua
 da Victoria, 34 a 40, no armazem de
 chá de João Carvalho da Silva

JOIAS
 ANTIGAS ou modernas, ouro, prata, cautilhas do
 Monte-Pio Geral, compra-se rua do Ouro, 250.

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro
 Portuguezes**
VERÃO DE 1904

Servico de banhos e
 aguas thermaes. Viagens
 de ida e volta por preços
 reduzidos. Bilhetes validos
 por 2 mezes com facilidade
 de ampliação de prazo.

Thermas: Cucos, Caldas
 da Rainha e Unhaes da Ser-
 ra (Tortozendo e Covilhã),
 Praias: do Furadouro,
 Espinho, Granja, Porto,
 Foz do Douro, Matosinhos
 Leça da Palmeira, Nazare
 th, S. Martinho e Figueira
 da Foz

Desde 1 de junho e até
 15 de Outubro de 1904, es-
 ta Companhia terá a venda

bilhetes de ida e volta a
 preços reduzidos, validos
 por dois mezes, das suas
 principaes estações para as
 que servem as localidades
 acima designadas.

Aos portadores d'estes
 bilhetes é concedida a fa-
 culdade de set-nção em
 transi-o, ampliação de pra-
 zo, etc

Para mais esclarecimen-
 tos vêros cartazes affixados
 nos sitios do costume.

Lisboa, 17 de maio de
 1904.
 O D. G. da Companhia
 Chapuy.

**Doenças d'utero e suas conse-
 quencias, cura radical da syphilis
 em todas as suas manifestações —
 Rheumatismo, erupções da pelle,
 feridas antigas ou recentes, esto-
 mago, nevralgias, escrophulas e
 othos, tumores etc., pelo systema
 Dias Amado.**

Como ha muito tempo não damos á
 publicidade qualquer cura de rheumatismo
 apesar das muitas a que nos poderiamos
 referir, pois são poucos os dias que não re-
 ce emos cartas de agradecimento, publica-
 mos hoje o que em seguida se encontra por
 nos ter encarecidamente solicitado pela pes-
 soa a que ella se reporta, que assim deseja
 protestar ao sr. Dias Amado a sua gratidão.
 Chama se Luiz Maria da Silveira e mora na
 rua da Fabrica da Sêda, n.º 10, 1.º. Este se-
 nhor teve então commoço a seguinte en-
 trevista:

«Ha muitos annos que eu vinha soffrendo
 de rheumatismo; diziam os medicos ser sy-
 philitico, no que eu creio, pois fui em tem-
 pos uma victima d'esse terrivel mal. Tratei-
 me com diversos medicamentos, taes como:
 mercurio em pilulas e em fricções, iodeto de
 potassio, banhos sulphuricos, etc., porém
 com poucos resultados. Ultimamente, fazen-
 do uso do Depurativo Dias Amado, encon-
 trei n'este o meu restabelecimento.

—Diga-me ha quanto tempo suspendeu o
 uso do depurativo?

—Ha já uns tres mezes.

—Que razões tem o sr. para dizer que es-
 tá restabelecido?

—Porque ha tres mezes que não sinto as
 dores que tinha, quando é certo que se não
 contava oito dias seguidos sem ellas, pas-
 sando por isso noites horrosoras.

—Quantos frascos tomou?

—Quatorze; o ultimo incompleto.

—Deseja então pôr em evidencia por meio
 da imprensa os beneficios que encontrou no
 depurativo Dias Amado?

—Não só isso, mas agradecer tambem a
 esses senhores que se não fossem elles nin-
 guem daria allivio aos meus soffrimentos.

Ahi fica, com muito gosto, satisfeito o de-
 sejo do sr. Silveira.

Este poderoso depurativo de sangue, com-
 posto apenas de vegetaes inoffensivos, não
 contém mercurio como por mais d'uma vez
 temos provado com a publicação da analyse
 feita em Coimbra por dois professores da
 Universidade.

Preço de cada frasco, 1\$000 réis.

Para fóra de Lisboa não se remetem en-
 comendas inferiores a dois frascos sendo
 o porte do correio de dois até seis frascos
 de 200 réis.

Deposito geral, pharmacia Ultramarina,
 rua de S. Paulo, 99 e 101—Lisboa.

GOARMON & C.^a

Mosaicos Hydranticos e Ceramicos.
 Azulejos em Faiança e Cartão.
 Tijolos em Cimento.
 Telha e Escama vidrada.
 Quadros e ornatos para Chales.

21—T. do Corpo Santo—Lisboa
 Catalogos sob requisicão



Casa Africana—R. Augusta, 166
 É o estabelecimento de fazendas e modas
 que vende mais barata em Lisboa.

O Mergulhão authentico

Eu queria ter de oiro um bom cordão
 Porém inda hesitava onde comprar—
 A' mente me occorreu o Mergulhão
 Cento e sessenta e dois, lá em S. Paulo.

Entrêi, e vi lá centos d'elles, d'estallo,
 Comprei um logo, e oh! admiracão,
 Uns preços tão baratos, creio que não
 Se veem n'outras casas! um regalo!...

Relogios, brinco, broches, «souvenirs»
 Se tu lembranças d'estas não pouveres
 Visita aquella casa e te convences

Que o Mergulhão é o rei da barateza
 Em conta, é só quem vende com certeza
 Vae lá, e que isto é peta tu não penses!

Ourivesaria e relojoaria Mergulhão
162, R. de S. Paulo, 162-B

BANHOS

DAS afamadadas aguas do Poço do Borratem, conheci-
 das desde 1572 com grande exito nas molestias
 de pelle e outras enfermidades. Fazem-se assignaturas
 de 10 banhos simples ou douches com 20 % de desconto
 e de vapor com 40 %.

Abre este antigo estabelecimento
 as 5 horas da manhã e fecha as 6 da tarde.

4, Poço de Borratem, 1.º

CASA PORTUGUEZA
 Papellaria e typographia

José Nunes dos Santos
 Successor de MANUEL DA SILVA

N.º telephonic 220—Endereço telegraphico Papelltypo

PAPELLARIA **TYPOGRAPHIA**
 Grande sortimento de pa-
 pel nacionaes e estrangei-
 ros, objectos para desenho
 e todos os artigos precisos
 nas escolas.

Trabalhos typographicos
 em todos os generos.
 Impressões a cores, ou
 ro, prata e sobre setim.

Papellaria: Rua de S. Roque 139 e 141
Officina typographica: R. das Gavess, 69
LISBOA



FATOS em Paletot de 4\$500 a 25\$000
FATOS em Frak de 12\$000 a 32\$000
FATOS em Sobrecasaca de 10\$500 a 35\$000
FATOS em Casaca de 20\$000 a 36\$000

na Casa das thesouras
 51—Rua da Escola Polytechnica—55

JOSÉ CLEMENTE

A VOTAÇÃO DE LISBOA



A Cidade — Surriada ! Apesar das chapelladas lá me manifestei . . .